

FRAÇÕES DE CLASSE E RESERVAS ESTRATÉGICAS: UM PARADIGMA DA ALIANÇA ANTI-FASCISTA

Class Fractions and Strategic Reserves: A Paradigm of the Anti-Fascist Alliance

Apoena Canuto **COSENZA** (Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil)

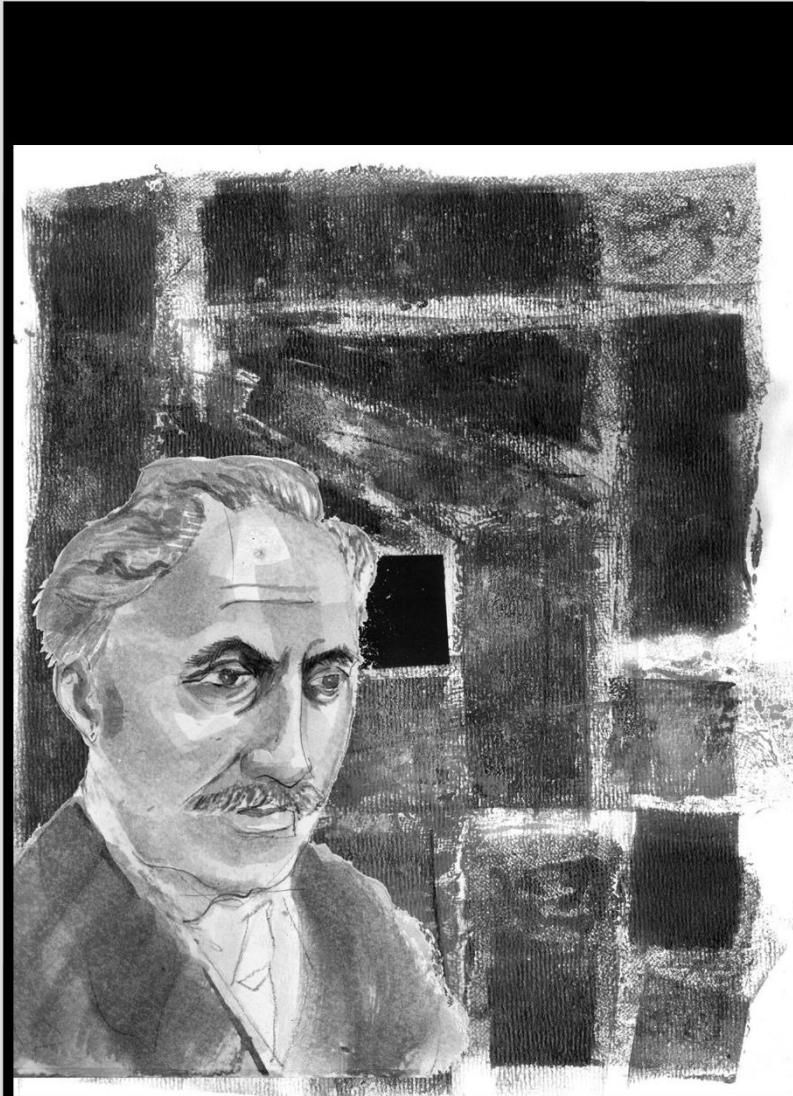
Igor **GRABOIS** (Professor universitário e economista formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil)

Resumo: O conceito de fração de classes é, paradoxalmente, um dos conceitos centrais na formulação estratégica das correntes marxistas-leninistas, e é um dos conceitos marxistas que recebeu menor atenção dos teóricos. A percepção que as classes existem, na realidade concreta, através de suas frações serve de pano de fundo para o balanço da correlação de forças dentro dos moldes propostos por Lenin, e simplificado na obra *Sobre os Fundamentos do Leninismo*, de Stalin. Ainda, o conceito de fração de classes foi importante no sexto congresso da Terceira Internacional, também conhecida como Internacional Comunista (IC), e teve desdobramentos importantes nas resoluções do sétimo congresso, de 1935, quando Dimitrov ganhou destaque na condução do movimento comunista internacional. O conceito de frações de classe foi bastante caro aos movimentos antifascistas e anti-imperialistas por todo o mundo, por permitir localizar a chamada “reserva estratégica da revolução”, ou seja, as forças que, apesar de não serem revolucionárias, podiam se aliar aos revolucionários, se os mesmos lograssem abarcar as pautas por essas camadas almeçadas.

Palavras-chave: Marxismo-leninismo; Georgi Dimitrov; antifascismo; frente de libertação nacional

Abstract: *The concept of class fraction is, paradoxically, one of the central concepts in the strategic formulation of Marxist-Leninist currents, and is one of the Marxist concepts that has received the least attention from theorists. The perception that classes exist in concrete reality through their fractions serves as a background for the balance of the correlation of forces within the lines proposed by Lenin, and simplified in Stalin's *The Foundations of Leninism*. Still, the concept of class fraction was important at the Sixth International Congress, also known as the Communist International (IC), and had important consequences in the resolutions of the Seventh Congress of 1935, when Dimitrov gained prominence in leading the international communist movement. The concept of class fractions has been quite dear to anti-fascist and anti-imperialist movements around the world because it allows us to locate the so-called “strategic reserve of the revolution”, that is, forces that, while not being revolutionary, could be ally with the revolutionaries, if they were able to embrace the agenda for these desired layers.*

Keywords: *Marxism-Leninism; Georgi Dimitrov; anti-fascism; national liberation front*



Georgi Dimitrov
Arte: Ciro Saurius – Monotipia e Aquarela

A Internacional Comunista (IC), ou Terceira Internacional dos Trabalhadores, foi organizada tendo como um de seus objetivos a promoção do estilo bolchevique revolucionário. Partia do princípio de que, como a revolução havia sido vitoriosa na Rússia, havia se tornado um fato concreto da humanidade. Assim, podia ser reproduzido em outras partes do mundo, bastando para isso a adoção do método bolchevique de organização do movimento operário (BARBOSA, 2013). A internacional comunista passou por diferentes fases, e defendeu diferentes ferramentas para organização do povo na luta pela revolução, passando pela frente única, depois pela política de classe contra classe, e por último a política de frente nacional. Uma hipótese interpretativa que se pode dar é que a frente antifascista e a frente nacional de libertação, respectivamente aplicados na luta europeia contra o fascismo e na luta anti-imperialista nos países dependentes são um desdobramento do método marxista-leninista, dentro dos moldes da terceira internacional.

O que buscaremos demonstrar é que a definição leninista de Modo de Produção, de classes sociais, de direção do golpe principal, e de reservas da revolução são elementos componentes da formulação da estratégia de Frente Ampla (seja ela na sua forma antifascista ou na sua forma de Frente de Libertação Nacional). São, portanto, estratégias filhas da Internacional Comunista, mais especificadamente dentro dos moldes definidos por Georgi Dimitrov. Para esse fim, o artigo inicia com uma breve definição do que é o Modo de Produção e o que são as Formas Produtivas, na visão leninista. Em seguida, avança para a definição das classes, entendidas como um fenômeno estrutural, mas também superestrutural. Então, apresentamos o conceito de fração de classes e reservas da revolução. Desses conceitos, finalizamos apresentando como eles foram utilizados para formulação da estratégia de formação de frentes antifascistas e anti-imperialistas após 1935.

Dentro da leitura leninista, defendida por autores como Christopher Hill, Eric Hobsbawm, Maurice Dobb, entre outros, o modo de produção é a abstração acerca do conjunto de relações produtivas, e se define pela existência de uma relação de produção dominante, e outras que são residuais ou subsumidas. Assim, quando se fala do Modo de Produção do Capital, não quer dizer que estejamos falando de uma sociedade onde todas as relações de trabalho sejam de assalariamento. Trata-se de um arranjo social em qual a estrutura de propriedades leva à formação, e fortalecimento, de uma classe detentora de meios de produção (a burguesia) e uma classe detentora somente da força de trabalho (o proletariado). Essa relação entre burguesia e proletariado se torna central no Modo de Produção do Capital devido ao arranjo institucional que é marcado pela sacralidade da propriedade privada. No entanto, outras classes sociais continuam existindo, e entrando em conflitos que não necessariamente dizem respeito diretamente ao Modo de Produção do Capital. Por exemplo, no capitalismo continuam a existir os pequenos camponeses, que entram em conflito com a remanescência da oligarquia rural, especialmente nos países dependentes.

Vê-se que o Modo de Produção, portanto, é uma abstração que resulta da análise das relações de produção realmente existentes. Essas relações podem ser definidas em diferentes formas de produção. Assim, existe a forma de produção do capital, a forma de produção camponesa, a forma de produção escravista etc. No modo de produção do capital todas as formas produtivas estão submetidas à lógica de funcionamento do capital. Daí se dizer que, no regime atual, o trabalho camponês foi integrado ao sistema capitalista.

Essa definição, de modo de produção e forma produtiva, leva à compreensão que existe conflitos centrais e conflitos secundários. O conflito central é aquele que diz respeito a luta entre as camadas sociais subalternas contra a camada que se encontra no poder central, ainda que a mesma não seja a classe dominante do modo de produção vigente. Por isso, na Rússia Czarista, onde já havia sido instaurado o Modo de Produção do Capital, a primeira fase da revolução russa se caracterizou em uma luta contra a aristocracia rural.

1. Uma definição leninista de classes

Uma das peculiaridades do pensamento leninista dominante na Terceira Internacional era a definição de classes sociais dada por Lênin. Isso porque ele não separava uma definição econômica de uma política do que era o proletariado. O revolucionário entendia que a classe social, dentro do marxismo, é uma abstração teórica resultante da análise concreta das relações de produção, que permite chegar a uma definição pensada dos fenômenos realmente existentes. Assim, em Lênin, a relação entre burguesia e proletariado é definida tanto por como cada um dos dois agrupamentos se relacionam com os meios de produção, mas também como se relacionam com o Estado.

Chama-se classes a grandes grupos de pessoas que se diferenciam entre si pelo seu lugar num sistema de produção social historicamente determinado, pela sua relação (as mais das vezes fixada e formulada nas leis) com os meios de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelo modo de obtenção e pelas dimensões da parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos de pessoas, um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro graças ao facto de ocupar um lugar diferente num regime determinado de economia social. (Lênin, 1979, p.30)

Nota-se que o critério chave aqui são os meios de quais as classes possuem para obter as riquezas sociais. Ou seja, se definem no decorrer da disputa por renda, que é o valor produzido na sociedade. Em específico, estamos falando da disputa pelo excedente econômico. Como fica claro em Lênin, uma parcela da população se posiciona no Estado, onde fórmula leis e as aplica, inclusive através da violência, com o intuito de legitimar e garantir a apropriação da riqueza alheia.

As classes sociais podem ser entendidas seja pela sua aparência, ou sob sua essência. A aparência da classe diz respeito a capacidade de absorção de renda, ou seja, pela renda acumulada ou pelo volume da renda anual. Quando paramos por aí, as camadas são divididas de acordo com seu nível de vida. No entanto, no marxismo-leninismo, o que importa é a essência da classe, que pode ser descrita em sua forma geral (classe) ou específica (fração de classe). Essa essência é a forma pela qual o agrupamento logra garantir a sua parcela dos rendimentos sociais. A burguesia, como classe, se define por retirar o excedente através da exploração da mais-valia, garantida pela estrutura de propriedades dentro do regime do capital. Evidentemente, toda vez que esse regime, ou mesmo a capacidade de extração de excedente, é ameaçado, a burguesia não hesita em utilizar instrumento extraeconômicos para garantir seu poder. Contra o proletariado, a que explora, utiliza a polícia, o exército, e as milícias, como bem ressalta Lênin:

Em qualquer sociedade de classes, seja ela baseada na escravatura, na servidão ou, como agora, no trabalho assalariado, a classe opressora está armada. Não só o actual exército permanente, mas também a actual milícia, mesmo nas repúblicas burguesas mais democráticas, por exemplo na Suíça, são o

armamento da burguesia contra o proletariado. Esta é uma verdade tão elementar que talvez não haja necessidade de nos determos nela em especial. Basta lembrar o emprego de tropas contra os grevistas em todos os países capitalistas. (Lênin, 1916)

Na análise das sociedades dentro de uma visão leninista, as classes sociais aparecem como agente histórico organizados em torno de interesses comuns. Ou seja, a burguesia e o proletariado aparecem como coletivo representado por políticos, partidos, sindicatos, e organizações diversas. O método marxista exige que se diferencie o discurso sustentado pelos agentes políticos, e os interesses materiais dos agentes históricos. Ou seja, um partido não é o discurso que prega, mas sim os interesses que representa. Chama-se partidos da burguesia aqueles que tem como uma das pautas centrais a defesa da propriedade privada, e do direito de explorar o trabalhador. Chama-se de partido operário aquele que possui como uma de suas pautas centrais a luta contra a exploração do trabalho. Ou, de forma simplificada, o interesse da burguesia é que os trabalhadores trabalhem mais e recebam menos, enquanto o interesse dos trabalhadores é trabalhar menos e ganhar mais.

Note que o nível de renda das camadas sociais possui pouca interferência nessa disputa entre os dois interesses contraditórios. Um pequeno proprietário de uma unidade fabril, como uma padaria de bairro, pode ter uma renda pequena. No entanto seu interesse continuará a ser garantir o direito à propriedade privada, e que seus trabalhadores trabalhem o máximo recebendo o mínimo. Enquanto isso, um técnico de uma multinacional pode ter um rendimento muitas vezes superior ao do pequeno proprietário. No entanto, o interesse do técnico poderá ser que os trabalhadores recebam parcelas maiores do rendimento da empresa, e tenham carga de trabalho menor. Os interesses concretos e o discurso dominante das classes muitas vezes apenas se ligam indiretamente, como bem ressaltou Ho Chi Minh:

Com o aparecimento da propriedade privada, a sociedade dividiu-se em classes, classes exploradoras e classes exploradas, quando surgem as contradições sociais e a luta de classes. Desde então, todos pertencem a uma ou a outra classe, ninguém está fora das classes. E cada um exprime a ideologia da sua própria classe. Na sociedade antiga, os feudais e os latifundiários, os capitalistas e os imperialistas oprimiam e exploravam sem piedade as demais camadas sociais, sobretudo operários e camponeses. Eles monopolizavam os bens públicos, produzidos pela sociedade, para levar uma vida ociosa e dourada. Mas falavam o tempo todo somente de “moralidade”, de “liberdade”, de “democracia”, etc. (HO CHI MINH, 2017. p.44)

O que o trecho selecionado de Ho Chi Minh permite reforçar é que as classes dominantes embora se organizem em torno de objetivos materiais concretos, expressam seus interesses utilizando conceitos abstratos e subjetivos. Ao invés de exigirem submissão total de seus explorados, fala em “moralidade”. Ao invés de pedirem maior poder para as famílias da elite, falam de “liberdade”. E quando disputam poder com outras classes dominantes pretéritas, como no caso da luta entre burguesia e aristocracia, falam de “democracia”. Esses conceitos abstratos é que formam aquilo que os marxistas chamam de ideologia da classe. De todos os conceitos da ideologia da burguesia, o mais importante é a sacralidade da propriedade privada. O que é essencial aqui é que o discurso exercido por uma classe, embora sirva aos seus interesses, não o expressam de forma direta. Ou seja, ao invés de as falar coisas como: ‘os trabalhadores devem viver só para trabalhar’, fala-se coisas como ‘o trabalho edifica’. Para os leninistas, mais importante do que localizar a ideologia da classe dominante, é identificar os interesses concretos das mesmas. E isso pode ser feito através da identificação das formas de luta adotadas na disputa pela renda. Como explica Wilson Barbosa:

A observação histórica indica que as formas-de-luta expressam a defesa de interesses. (...) Vê-se nas tumbas faraônicas o desfile de sua polícia, principal força repressiva anterior à criação do exército. São negros armados de bastões, com os quais a elite mantinha a ordem estabelecida. A experiência histórica havia elaborado uma sucessão interminável de formas-de-luta até chegar-se, há seis mil anos atrás, à experiência e ao conceito, num nível do poder político, de *força policial*. A força policial era, àquela época, a força-de-choque mais avançada da história, capaz de vistoriar cada aldeia, prender os dissidentes e assegurar o pagamento imediato dos impostos. Nessas condições, surgiu uma classe dominante. Esta força prevaleceria no Egito até a época das invasões estrangeiras, lideradas pelos hicsos. Para rechaçar os hicsos foi necessário formar um exército, algo que ainda não havia aí existido. Este caminho jamais permitiria o retorno à “inocência” da época das forças policiais. (BARBOSA, 2010)

Vê-se, portanto, que não é a religião egípcia, ou a visão de mundo dos Faraós que explicam quais eram os interesses das classes dominantes no Egito. São as formas de luta adotadas por elas que permitem identificar seus reais objetivos. Ao usar as forças policiais para reprimir, vistoriar, e cobrar impostos das aldeias, essa elite se configurava em um agrupamento, organizado na forma de Estado, que cobrava imposto sobre toda população sob sua jurisdição. Ainda, parte da população submetida pelas forças policiais eram transformadas em escravos domésticos para as classes dominantes daquele Egito. É isso que se costuma chamar de Modo de Produção Asiático: quando a principal forma de extração do excedente é através de um Estado central todo poderoso que se entende como proprietário de tudo e todos que logra submeter.

O que se deduz, dos trechos selecionados acerca das classes sociais é que, na visão marxista-leninista, as classes são melhor identificadas quando elas se apresentam organizadas em torno de formas de luta para disputa pelo poder e pelo excedente econômico. São nessas condições que os interesses materiais despontam, e deixam de se confundir com as ideologias de classe. Esse tipo de método de analisar a sociedade leva a uma leitura da história inspirada naquela realizada por Marx na obra *18 de Brumário*. Nela, Marx não se ateve apenas a descrição dos interesses gerais de classe, mas descreveu como as distintas frações de classe, organizadas politicamente em partidos ou ao redor de lideranças específicas, disputaram o poder para construir o seu projeto de França. Assim, as classes dominantes são identificadas primeiro através de suas frações, e depois através da política de aliança de cada fração de classe.

2. Papel das frações e reservas estratégicas

A teoria leninista é uma ferramenta metodológica que visa oferecer aos defensores dos interesses do proletariado meios para conquista do poder político. Se para os marxista-leninistas a superestrutura e a estrutura econômica são duas faces da mesma moeda, conquistar a superestrutura é também tomar a estrutura. Assim, entende-se o marxismo como a ciência que permite o proletariado sair da situação de classe oprimida para a posição de classe dominante libertadora. Essa abordagem leninista é profundamente militarizada e instrumentalizada, como ressalta Wilson do Nascimento Barbosa:

É fácil se perceber que, a tal doutrina política corresponde sua contraparte, uma doutrina militar do proletariado. Esta doutrina militar permite ao partido pôr de pé todas as estruturas da autodefesa e até de guerra ofensiva que a manutenção da independência de classe, ou a tomada do poder, venham

requerer. Os princípios da doutrina socialista, assim, em sua versão leninista, torna possível “tomar o céu de assalto”, como na célebre divisa que comenta a Comuna de Paris. Para Lênin, tudo isso se situa no pleno da arte operativa, isto é, tudo aquilo que é concebido é em seguida planejado em detalhe e tornado materialmente possível, antes que a situação prevista se apresente. Só a antecipação da mudança tática, ou estratégica, que se fará necessária, constitui para ele um “antídoto à derrota” e à “garantia prévia da vitória”.

(BARBOSA, 2013)

Em seu texto, *sobre a Estratégia Leninista*, Wilson ressaltou que o Partido Comunista é entendido como Estado-Maior da Revolução não apenas no sentido figurado, mas no sentido estrito. Ao se organizar em um partido, os defensores dos interesses do proletariado assumem a responsabilidade de construir a independência de classe. Ou seja, buscam produzir teorias, estratégias, e táticas que permitam o proletariado se livrar da ideologia das classes dominantes e se defender dos ataques diários que sofre. Quando a força deste Estado-Maior permite, passa-se da fase defensiva para fase ofensiva, visando a tomada de poder e a posterior construção do socialismo.

Com esse intuito, dividir a sociedade apenas entre as grandes classes, como Burguesia, Proletariado, Camponeses etc., é insuficiente. Isso porque parte da estratégia a ser adotada passa por explorar as cisões de classe existentes no interior de cada grande classe. Chama-se os sub agrupamentos que resultam na tomada de lado nessas cisões internas de “fração de classe”. Se as classes se dividem entre si pela sua inserção no sistema econômico, capacidade e forma de disputa do excedente econômico, as frações de classe se caracterizam pela ferramenta específica que utiliza para acumular riqueza. Assim, a Burguesia se divide em sua fração industrial, que explora a mais-valia diretamente, a fração bancária, que retira mais-valia através do instrumento do capital portador de juros, e a pequena burguesia, que por sua dimensão muitas vezes é dono do meio de produção, mas também é trabalhador integrado na unidade de produção (é o padeiro que é dono da padaria e cozinheiro, o barbeiro dono da barbearia mas que também atende clientes, etc.).

Identificar as frações de classe, quais são seus interesses, e como as mesmas se portam diante dos interesses do proletariado, isso é, em relação à revolução, é parte essencial da luta revolucionária. Essa análise, como ressaltava Mao Tse Tung, precisa ser profundamente nacional. Ou seja, deve buscar entender os interesses concretos de cada fração em cada localidade onde a mesma se insere. Mao Tse Tung nos fornece um exemplo elucidador do que é uma análise dos interesses de classes e suas frações na obra *Análise das Classes na China*:

Para garantir que alcançaremos definitivamente o sucesso em nossa revolução e não desviaremos as massas, devemos prestar atenção em nos unirmos a nossos verdadeiros amigos para atacar nossos verdadeiros inimigos. Para distinguir amigos reais de inimigos reais, devemos fazer uma análise geral do status econômico das várias classes na sociedade chinesa e de suas respectivas atitudes em relação à revolução. (...) A classe dos senhores de terra e a classe Comprador: Na China economicamente atrasada e semicolonial, a classe proprietária de terras e a classe comprador são inteiramente apêndices da burguesia internacional, dependendo do imperialismo para sua sobrevivência e crescimento. Essas classes representam as relações de produção mais atrasadas e mais reacionárias da China e impedem o desenvolvimento de suas forças produtivas. Sua existência é totalmente incompatível com os objetivos da revolução chinesa. O grande senhorio e as grandes classes compradoras, em particular, sempre estão do lado do

imperialismo e constituem um grupo extremamente contra-revolucionário. Seus representantes políticos são os estatistas e a ala direita do Kuomintang. (Mao Tse Tung, 1926)

Para Mao Tse Tung, na China em 1926, a principais classes e suas frações a se colocarem como inimigas da revolução era a classe dos senhores de terras e a classe dos Compradores. Mao explica que os Compradores eram os gerentes ou funcionários altos nos estabelecimentos comerciais estrangeiros. Trava-se, portanto, de uma fração de classe da burguesia que se caracterizava por sua função administrativa em estabelecimentos que representavam os interesses da burguesia internacional. Se esses dois grupos já se destacavam por possuir interesses materiais atrelados na reprodução do Estado colonial, Mao ainda ressaltou que isso era especialmente verdadeiro para a fração dos grandes proprietários e grandes compradores, uma vez que esses tinham maior capacidade de exploração do povo, e mais a perder com uma eventual revolução.

Importante notar que o texto de Mao Tse Tung primeiro identificou o inimigo imediato da revolução. Só por último categorizou quais eram os aliados em potencial do proletariado. Essa prática de analisar a sociedade é parte da chamada análise de conjuntura. Tem como objetivo identificar (a) qual é o inimigo principal na fase histórica que se vive; (b) qual o sentido do golpe político que deve ser dado para derrotar esse adversário (qual a estratégia a ser adotada); e (c) quais são as reservas da revolução. Trata-se de um método de planejamento da revolução defendido também por Stalin, na obra *Sobre os Fundamentos do Leninismo*:

A nossa revolução já percorreu duas etapas e, após a Revolução de Outubro, entrou na terceira. De acordo com isso, foi modificada a estratégia.

Primeira etapa: 1903–fevereiro de 1917.

- Objetivo: derrubar o czarismo, liquidar por completo as sobrevivências medievais.

- Força fundamental da revolução: o proletariado.

- Reserva imediata: os camponeses.

- Direção do golpe principal: isolamento da burguesia monárquica liberal, que se esforça por atrair para o seu lado os camponeses e por liquidar a revolução mediante uma composição com o czarismo.

- Plano de disposição das forças: aliança da classe operária com os camponeses. (STALIN, 1924)

A teoria leninista de Stalin é normalmente denominada pejorativamente de *etapismo*, pois entende que cada conjuntura histórica leva a uma dada etapa da revolução, onde há uma classe dominante principal a ser combatida, um sentido geral do movimento, e um grupo de alianças possível para atingir o sucesso. Ao se derrubar a classe que antes estava no poder, inicia-se uma nova etapa da revolução, agora contra uma nova classe ou conjunto de classes. No trecho selecionado, Stalin tratou da etapa de luta contra o Czarismo, também denominada ‘etapa burguesa’ da revolução. Isso porque o sucesso nessa etapa, ao derrubar a aristocracia rural e a burguesia monárquica, abria espaço para fortalecimento da burguesia democrática.

No entanto, ao se ler o texto de Stalin, vê-se que na visão do revolucionário a força principal da etapa anti-czarista era o proletariado. Ainda, suas reservas estratégicas vinham também do conjunto do campesinato (rico, médio e pobre), contra a aristocracia. Por último, observa-se que Stalin identificou uma fração de classe que era o inimigo principal a ser combatido: a burguesia monárquica liberal. Tratava-se de uma burguesia que havia se aliado ao

poder aristocrático, e assim garantia o monopólio dos investimentos, e mesmo o direito do uso das forças policiais para reprimir o proletariado a ser explorado. Sendo essa a camada que empregava a força policial e militar do Estado contra o proletariado, era ela que precisava ser isolada.

Na etapa seguinte, que durou de fevereiro de 1917 a outubro de 1917, o inimigo principal a ser combatido era a pequeno-burguesia democrata, que se aliava com os camponeses ricos e com as forças imperialistas contra o proletariado. A aliança do proletariado revolucionário se direcionou aos camponeses pobres e o proletariado dos países vizinhos. Para chegar a disposição de alianças que se deseja traçar, é importante identificar, portanto, quais são as reservas estratégicas da revolução, que, conforme Stalin, podem ser divididas em dois tipos:

As reservas da revolução podem ser:

Diretas: a) os camponeses e, em geral, as camadas intermediárias da população do próprio país; b) o proletariado dos países vizinhos; c) o movimento revolucionário nas colônias e nos países dependentes; d) as conquistas e as realizações da ditadura do proletariado, a uma parte das quais o proletariado pode renunciar, temporariamente, conservando, porém, a superioridade de forças, com o objetivo de obter, em troca desta renúncia, uma trégua de um adversário poderoso.

Indiretas: a) as contradições e os conflitos entre as classes não proletárias do próprio país, suscetíveis de serem utilizadas pelo proletariado para enfraquecer o adversário e reforçar as suas próprias reservas; b) as contradições, os conflitos e as guerras (por exemplo, a guerra imperialista) entre os Estados burgueses hostis ao Estado proletário, conflito e guerras suscetíveis de serem utilizados pelo proletariado no curso de uma ofensiva, ou de uma manobra sua, em caso de retirada forçada. (STALIN, 1924)

Observa-se que na definição leninista de Stalin (comumente denominada leninista-stalinista), as reservas da revolução incluem as classes, frações de classe, e situações históricas. As conquistas do proletariado fazem parte das reservas diretas da revolução, uma vez que podem ser negociadas para conquistar uma paz temporária a fim de se realizar um acúmulo de forças para a rodada seguinte de disputa pelo poder. Entre as reservas indiretas da revolução estão os conflitos internos das classes dominantes. Quando os interesses das classes rurais se colocam em contradição com a burguesia industrial, por exemplo, abre-se espaço para que o proletariado explore a cisão em proveito próprio, seja adquirindo um aliado temporário, seja enfraquecendo a ambos.

Fica claro que essa forma de ver a luta política entende a política e a guerra são duas faces da mesma moeda. A guerra é a continuação da política por outros meios, conforme a máxima clausewitziana que Lênin adotou. De forma mais clara, Stalin apontava que o estouro de uma guerra, seja civil, ou seja, entre países, nada mais é do que a passagem de uma forma de luta (defensiva) para outra forma de luta (agressiva). Esse modo de pensar é extremamente eficiente, em especial quando se enfrentam inimigos implacáveis como uma força imperialista de ocupação, ou um partido fascista que ascendeu ao poder. Não é à toa que veio de pensadores que admiravam a obra de Stalin a proposta das duas únicas formas de frentes que foram capazes de derrotar o imperialismo e o fascismo: a aliança de libertação nacional, e a aliança antifascista. Isso se dá, pois, esse tipo de aliança identifica como inimigo central da revolução camadas enraizadas no Estado e que o utilizam como forma de opressão e de extração de riqueza de todo o restante do povo, incluindo frações da burguesia. Em especial, estamos falando dos senhores

de guerra que o imperialismo e o fascismo geram, e que muitas vezes se tornam verdadeiros senhores do curso. Ho Chi Minh, por exemplo, se aliou às tribos de etnias minoritárias, camponeses, pequenos comerciantes, e mesmo à seitas budistas. Essa rede de alianças era possível pois se alicerçava em um inimigo comum: as ditaduras títeres impostas pelo poder colonial. Essas ditaduras, para se sustentar, drenavam a riqueza da população e violavam os costumes do povo vietnamita, e se portavam como uma gangue de criminosos que prendiam, matavam, e estupravam aqueles que o regime identificava como adversários (BURCHETT, 1968). Essa identificação de frações criminosas no poder, que se dedicam ao confisco extra-econômico da riqueza através do uso da força bruta serve tanto para as ditaduras mais duras nas colônias do imperialismo, como para os regimes fascistas e nazistas.

3. Frações de classes nos países dependentes

No Brasil, a hipótese de se interpretar as relações sociais e a luta revolucionária através dos conceitos de fração de classes, reservas estratégicas, e etapas da revolução, foi descartada. Na literatura brasileira, as únicas frações a ganharem destaque foram a Burguesia Industrial, a Burguesia Financeira, e a pequena burguesia. No entanto, em outros países, o modelo de análise da Terceira Internacional, em especial aquele modelo que vigorou na época de Georgi Dimitrov, que foi um dos principais promotores da política de Frente Antifascista, foi utilizado como base da formulação das frentes anti-imperialistas. Assim foi na China, no Vietnã, Moçambique, entre outros. Isso pois permitia associar os governos títeres, e mesmo o colonialismo direto, como um tipo de fascismo de ocupação instalado nos países dependentes. Assim, parte da burguesia local, e mesmo do campesinato médio ou rico, podiam ser atraídos para uma posição contrária ao regime. Afinal, o que a frente passava a combater não era o sistema capitalista, que permitia o enriquecimento de alguns, mas sim os regimes que exploravam de forma extraeconômica a população local. A chave dessa interpretação vem da definição de fascismo de Dimitrov:

Camaradas, o fascismo no poder foi corretamente descrito pelo Décimo Terceiro Plenário do Comitê Executivo da Internacional Comunista como a ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro. A variedade mais reacionária do fascismo é o tipo de fascismo alemão. Tem o descaramento de chamar-se Nacional Socialismo, embora não tenha nada em comum com o socialismo. O fascismo alemão não é apenas nacionalismo burguês, é chauvinismo diabólico. É um sistema governamental de gangsterismo político, um sistema de provocação e tortura praticado sobre a classe trabalhadora e os elementos revolucionários do campesinato, da pequena burguesia e da intelligentsia. É a barbárie e a bestialidade medieval, é uma agressão desenfreada em relação a outras nações. (Dimitrov, 1972)

Nessa definição, Dimitrov coloca o fascismo como um governo chauvinista de parcelas do capital financeiro ligado a um modelo de atuação de tipo gangsterista. Ou seja, trata-se de um governo de uma fração da elite econômica aliado a forças militarizadas que vivem do terror e expropriação das riquezas do povo. Nota-se, portanto, que na definição de fascismo dada pelo Plenário do Comitê Executivo da Internacional Comunista, existe o pressuposto de aliança de duas frações de classe. Trata-se da Burguesia Financeira, e de Senhores do Crime ou da Guerra. A ideia de que o fascismo é uma forma de crime organizado implacável contra seus adversários está presente nos próprios discursos de Mussolini, quando o mesmo afirmava que “Se o Fascismo é uma associação criminosa, se toda violência é resultado de uma determinada delinquência histórica, política, e moral, a responsabilidade é minha, pois eu o criei com minha

propaganda do período de minha intervenção na Guerra até o presente momento” (Mussolini, 1925).

Para os países dependentes, colônias, e semicolônias, essa percepção que pode ocorrer, no capitalismo, de se instaurar Estados que praticam a acumulação de riqueza em favor de uma elite através do uso de ferramentas extraeconômicas, em especial a pilhagem e a extorsão, permitiu reler o papel de parte das elites locais. Em especial, permitia entender o papel de uma elite agrária pré-capitalista que se aliava ao imperialismo, se tornando parte integrante do capitalismo, mas mantendo sua forma pré-capitalista de retirar renda do povo, como ressaltou Samir Amin:

Estes objetivos são alcançados através de uma série de medidas econômicas e políticas aplicadas de acordo com as circunstâncias. Muitas vezes, eles são alcançados através de uma aliança de classes entre o capital estrangeiro dominante e as classes dominantes da sociedade pré-capitalista. Neste ponto, devemos mencionar a posição arraigada dos latifundiários, comuns na América Latina, no Oriente Médio Árabe e na Ásia. Isto leva a um agravamento das formas de exploração pré-capitalistas, particularmente a renda do solo, que por um lado fornece um mercado para o novo capital (um mercado de consumo de luxo) e, por outro, empobrece os camponeses e as unidades da terra, que então fornecem a mão de obra barata necessária. Esses métodos devem ser estudados em conjunto com o desenvolvimento desigual - particularmente em seus efeitos regionais - e o conjunto de fenômenos denominado “marginalização”. (AMIN,1977)

O que Samir Amin descreve é que o imperialismo, como parte integrante do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo em sua fase monopolista, se associa a classes pretéritas num esforço de realizar acumulação primitiva nos países dependentes. Essa acumulação primitiva é, evidentemente, explorada dentro de moldes pré-capitalistas, especialmente através da renda da terra. O modelo adotado leva ao empobrecimento geral da população, enriquecimento da oligarquia agrária, e formação de um excedente que se destina à urbanização e industrialização acelerada, marcada pela formação de mercados de luxo que excluem o conjunto dos trabalhadores.

Embora esse processo pudesse ser descrito como também um processo econômico, a realidade histórica dos países dependentes mostra que a oligarquia agrária controla os camponeses através do uso da força. Usam jagunços e matadores para roubar terras, aniquilar a oposição, e ampliar sua influência. Ainda, quando, devido ao avanço das forças produtivas ocasionadas pelo avanço do capitalismo, passam a perder influência, utilizam seu poder extraeconômico para impor seus interesses contra o restante da população. Por vezes, essa movimentação da oligarquia agrária toma o caráter de guerra civil, chacinas locais, ou destruição organizada da economia. Essa chave interpretativa fica bastante clara em outra obra de Samir Amin, que assim descreve as escaramuças locais ocorridas no interior da África:

Sugerimos a hipótese de que muitos desses conflitos “comunais” são o resultado de lutas dentro da classe dominante, ou entre segmentos dela. O que essas classes dominantes mais obviamente têm em comum é sua fragilidade: sejam classes compradoras, capazes de operar apenas dentro dos estreitos limites permitidos pelo controle do capital mundial ou, muitas vezes, nem mesmo atingindo o status de burguesia compradora (com seus próprios interesses econômicos subordinados à sua integração no capitalismo mundial), mas sim uma burocracia compradora (o aparato comprado do Estado); ou se são estratos e grupos com aspirações nacionalistas que não conseguiram se

tornar a intelligentsia de uma aliança de forças genuinamente populares. Em ambos os casos, a tentação é forte para os vários segmentos de uma classe desse tipo manterem o poder, mobilizando frações da população por trás de “símbolos” que os deixam mestres do jogo. Símbolos étnicos ou religiosos são muitas vezes altamente adequados para esse tipo de competição pelo poder. (AMIN, 2011. p. 1979)

O que Amin deixa bastante claro é que parte da oligarquia agrária e mesmo das classes compradoras, ao se ver perdedora na disputa pela renda e pelo poder, desloca-se de sua posição de senhores de terra ou donos de capital e se tornam Senhores de Guerra. Isso é, se tornam associações milicianas, criminosas, resultantes de uma determinada delinquência histórica, política, e moral, cuja responsabilidade é de setores das classes dominantes que utilizaram símbolos étnicos, ou religiosos para competir pelo poder. Quando logram, logo se associam ao capital internacional, em especial à Burguesia Financeira internacional. Nota-se que o arco de alianças que forma o fascismo tradicional e o arco que forma movimentos autoritários em países dependentes é praticamente o mesmo, exceto que agora se fazem presentes também a burguesia compradora e a oligarquia agrária de velho tipo.

Quando os movimentos comunistas igualavam o papel das ditaduras títeres e os senhores de guerra ao fascismo não se tratava apenas de um discurso para difamar os adversários do povo. Tratava-se de uma consequência direta da aplicação do conceito de fascismo vindo da Internacional Comunista da época de Dimitrov. Evidentemente, se o inimigo principal do povo, nesses países, era um agrupamento de tipo fascista organizado em torno de milícias e atuando através do Terror de Estado, a estratégia correta para derrotar esses agrupamentos, na visão dos marxista-leninistas, era a formação de uma frente similar à frente antifascista. Nos países dependentes, tratava-se da formação de Frentes de Libertação Nacional, uma vez que o fascismo era visto como uma ferramenta de opressão aliada ao imperialismo. Obviamente, essa frente precisava expressar não só os interesses do povo trabalhador, mas de todas as camadas que sentiam o jugo da opressão gangsterista dessa elite, que se sustentava através do uso do terror. Por isso, no manifesto do Exército Popular de Libertação chinês, Mao Tsé Tung definiu o seguinte objetivo central no combate ao regime fascista de Chiang Kai-shek:

Nós somos o exército do povo chinês e em todas as coisas tomamos a vontade do povo chinês como nossa vontade. As políticas do nosso exército representam as demandas urgentes do povo chinês e, entre elas, as principais são as seguintes: (1) Unir trabalhadores, camponeses, soldados, intelectuais e empresários, todas as classes oprimidas, organizações de todos os povos, partidos democráticos, nacionalidades minoritárias, chineses ultramarinos e outros patriotas; formar uma frente única nacional; derrubar o governo ditatorial de Chiang Kai-shek; e estabelecer um governo de coalizão democrática. (Mao Tse Tung, 1947)

Essa passagem do manifesto pode ser interpretada como uma aplicação do modelo leninista fornecido por Stalin de planejamento da etapa da revolução. A passagem deixa claro o objetivo central: derrubar a ditadura de Chiang Kai-shek e formar um governo de coalizão democrática. A força imediata da revolução pode ser considerada os trabalhadores, camponeses e soldados. A reserva imediata eram todas as classes oprimidas, onde figuram parte do empresariado e intelectuais. A direção do golpe principal é formar uma frente única nacional, isolando o governo de Chiang Kai-shek e o deixando desprovido de bases sociais internas e externas.

A direção do golpe principal é clara: formar uma frente única nacional. Ou seja, uma frente que abraça parcelas da burguesia contra um regime autoritário e que exerce sua exploração de forma extraeconômica. Trata-se de uma frente de libertação construída nos moldes da frente antifascista. Tomou os mesmos passos (definiu objetivo, identificou a fração de classe principal a ser combatida, identificou a força principal da revolução, e quais eram os aliados possíveis), e tomou os mesmos cuidados (de inserir as demandas da própria burguesia no manifesto do movimento).

4. Consideração final

Ao longo do artigo, apresentamos o papel do conceito de frações de classe e reservas estratégicas para a estratégia antifascista e de libertação nacional, demonstrando que se pode encontrar aspectos dos mesmos na estratégia proposta por revolucionários leninistas. Mas afinal, como definir quais são as frações de classe? A ênfase dada a cada fração e a forma de definir as frações de classes depende do país e das condições históricas que foram feitas as análises. Por exemplo, Christopher Hill utiliza o conceito de Aristocracia Comercial para explicar o papel da aristocracia londrina na Inglaterra do século XVII e XVIII.

No entanto, de forma genérica, pode-se dizer que se a classe representa o mecanismo que um agrupamento dispõe para disputar renda social, as frações se expressam pelo mecanismo específico que utilizam. A burguesia pode extrair mais-valia através do sistema de assalariamento, do sistema de trocas, ou do sistema financeiro. A título de exemplo, pode-se dividir as classes dominantes de uma semicolônia hipotética entre: (a) burguesia (que vive da mais-valia extraída diretamente do trabalhador); (b) latifundiários (que explora a renda da terra); (c) burocracia estatal (que se sustenta com a parcela da mais-valia e da renda da terra retirada sob forma de impostos); e (d) senhores da guerra e corso (que vivem da pilhagem extraeconômica de riquezas). Cada uma dessas classes dominantes tem também suas frações.

Na etapa de análise seguinte, pode-se dividir a burguesia, hipoteticamente, entre burguesia industrial, burguesia financeira, burguesia comercial; e a burguesia concessionária, que seria uma fração da burguesia que ou é compradora (vive da prestação de serviços ao imperialismo, apoiada pelo Estado) ou vive única e exclusivamente da prestação de serviços ao Estado. Os latifundiários também podem ser divididos em dois grandes grupos: a burguesia agrária, que além de explorar a renda da terra realiza investimentos explora a mais-valia de trabalhadores assalariados (como era o caso de parte da oligarquia do café no Brasil durante a República Velha); e a oligarquia agrária de velho tipo, que se sustenta na grilagem de terras, queimadas para abertura de pastos, e exploração de agregados e camponeses por eles submetidos. A burocracia estatal pode ser dividida entre as frações da burocracia oficial (marcado pelo trinômio Toga, Farda e Fisco), que aglutina o sistema judiciário, o exército oficial, e altos funcionários públicos; e os políticos eletivos profissionais, fração que inclui aquela camada de políticos que se caracteriza por aquilo que Marx denominou de cretinismo parlamentar, que ocorre quando os políticos eleitos não representam mais nenhuma fração da sociedade senão eles mesmos. Os senhores da guerra e do corso, também podem ser divididos entre as frações: crime organizado clássico (em geral ligado ao tráfico de produtos ilícitos e realização de pilhagem contra o Estado e contra parcelas da população); milícias de senhores de guerra (que se caracterizam pela formação de um aparato repressor ilegal ou particular para cobrar taxas sobre a população, que são direcionadas diretamente para liderança das milícias); e financistas e comerciantes de rapina (especializados em realização de golpes e dilapidação do patrimônio público ou alheio em benefício próprio ou em troca de comissão).

Em um exemplo hipotético para aplicação desse modelo de análise oriundo do discurso de Dimitrov, tomemos um governo onde um capitão reformado do exército, em aliança com milícias, ruralistas, e parcelas do mercado financeiro e da burguesia compradora, e instalado em um país economicamente dependentes do imperialismo. No caso, teríamos na liderança do movimento um Senhor de Guerra, marcado por suas alianças com o gangsterismo. Seu principal apoio seria, hipoteticamente, uma oligarquia agrária que vive da exploração de renda da terra (e, portanto, demanda repressão constante para se sustentar em um regime capitalista), a burguesia concessionária/compradora, e financistas de rapina. Esse governo hipotético, facilmente seria classificado pela Internacional Comunista, nos tempos de Georgi Dimitrov, como governo fascista. Nesse caso, a recomendação da

Internacional certamente seria a formação de uma Frente Nacional Antifascista, que tivesse como objetivo a derrubada do governo fascista. A direção do golpe principal seria isolar o governo através da atração para frente antifascista, dirigida pelos trabalhadores e camponeses representados pelos seus partidos, atraindo as lideranças da burguesia industrial, burguesia comercial, pequena burguesia, intelectualidade, e mesmo parcelas da burguesia financeira. Isso só poderia ser atingido através da criação de uma pauta comum: a luta para formação de um governo de coalizão democrática.

Referências Bibliográficas

- AMIN, Samir. *Maldevelopment: Anatomy of a Global Failure*. Cidade do Cabo: Pambazuka Press, 2011. pg. 1979
- AMIN, Samir. *Imperialism and Unequal Development*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1977
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. Formas de Luta. Mouro, São Paulo, p. 7 - 18, 01 jul. 2010.
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. Sobre a Estratégia Leninista. Revista Mouro, v. 8. p.279, 2013.
- BURCHETT, Wilfred G. *Vietnam: inside story of the guerilla war*. International Publishers, 1968.
- DIMITROV, Georgi. Selected Works Sofia Press, Sofia, Volume 2, 1972. Disponível em: https://www.marxists.org/reference/archive/dimitrov/works/1935/08_02.htm#s2, última visualização, 23/08/2019
- HO CHI MINH, “Relatório apresentado à III Sessão da Assembleia Nacional”. 17 de dezembro de 1953. in: HO CHI MINH, Escritos. Vol. 2.S São Paulo: Raízes da América, 2017. Pg. 44
- LENIN. *O Programa Militar Da Revolução Operária*. Setembro de 1916. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/09/programa.htm>, última visualização 28/06/2019
- LÊNIN, V.I. Una gran iniciativa. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/06/28.htm>, última visualização 22/09/2019.
- MAO TSE TUNG, *Analysis of the Classes in Chinese Society*, 1926. Disponível em: https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-1/mswv1_1.htm, última visualização em 23/08/2019
- MAO TSE TUNG. *Manifesto Of The Chinese People's Liberation Army*, 1947. Disponível em: https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-4/mswv4_22.htm, última visualização, 23/08/2019.
- MUSSOLINI, “Discurso ao Parlamento, 3 de janeiro de 1925”, in MUSSOLINI, *My Autobiography*. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1928. P. 231
- STALIN, Joseph. *Sobre os Fundamentos do Leninismo*. Maio de 1924. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1924/leninismo/cap07.htm>, última visualização 28/06/2019